

FUNDAMENTOS DA ANÁFORA ASSOCIATIVA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.551112411112>

Data de aceite: 16/12/2024

Edineia de Oliveira Santos

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLinC-UFBA)

RESUMO: O presente artigo tem a finalidade de apresentar algumas das noções fundamentais sobre anáfora associativa, bem como suas características, com foco, principalmente, em Kleiber (2001), fazendo uma breve revisão acerca do tema em questão, a fim de melhor sistematizá-la. Kleiber distingue a anáfora associativa de outros tipos mais tradicionais de anáfora, pois, para o referido teórico, a anáfora associativa envolve uma referência mais relacional e contextual, em vez de uma simples referência a um antecedente imediato.

PALAVRAS-CHAVE: anáfora associativa; semântica; inferência;

FUNDAMENTALS OF ASSOCIATIVE ANAPHORA

ABSTRACT: The purpose of this article is to present some of the fundamental concepts of associative anaphora, as well as its characteristics, focusing primarily on Kleiber (2001), providing a brief review of the topic in question in order to better systematize it.

Kleiber distinguishes associative anaphora from other, more traditional types of anaphora, as, according to this theorist, associative anaphora involves a more relational and contextual reference, rather than a simple reference to an immediate antecedent.

KEYWORDS: associative anaphora; semantics; inference;

INTRODUÇÃO

A expressão Anáfora Associativa (AA) foi introduzida por Gustave Guillaume (1919), no início do século XX, a fim de referir-se a determinados tipos de anáfora nominal, como, por exemplo, a anáfora associativa. Genericamente, a Anáfora Associativa é caracterizada quando o SN-anafórico retoma o SN-fonte de forma indireta, através de implícitos e inferências, estabelecendo estreita relação semântica. Tradicionalmente, como se observa em (8), a anáfora associativa apresenta a seguinte estrutura:

[SN-antecedente = _{artigo indefinido + nome}] <- [SN-anafórico = _{artigo definido + nome}]

(1) “Au loin, on apercevait une église. Le clocher était illuminé, les vitraux brillaient¹.”

(Kleiber, 2001, p. 1)

O exemplo acima, apresentado por Guillaume (1919), é uma representação de anáfora associativa e, desde então, é reproduzido por vários linguistas que buscam compreender esse fenômeno.

A relação anafórica associativa é estabelecida entre o SN-fonte “une église” e os SN-anafóricos “le clocher” e “les vitraux”. Assim, a associação é construída por existir, entre esses termos, uma certa dependência de sentido para a sua interpretação, pois “le clocher” e “les vitraux” são caracterizados como partes integrantes de “une église”. Desta maneira, as AA são aquelas que apresentam, de um lado, certa dependência interpretativa, em relação ao SN-fonte e, de outro, a ausência de correferência com o SN-fonte.

A anáfora associativa é, assim, considerada como não correferencial, pois introduz um novo referente, ou seja, uma entidade que ainda não foi mencionada e, conseqüentemente, não faz parte dos elementos de entidades já introduzidos no modelo contextual ou discursivo.

Em sua obra “L’anaphore associative”, publicada em 2001, Georges Kleiber analisou as AA de maneira mais aprofundada. O referido autor, ao tratar da relação entre as entidades envolvidas na associação, destaca que “Le premier obstacle que rencontre celui qui entend s’occuper d’anaphore associative, c’est celui de l’extension du phénomène. Où commence et où s’arrête l’anaphore associative?”² (Kleiber, 2011, p. 7), mostrando os desafios para definir e identificar as características dessa anáfora.

Para Kleiber (2001, p. 8), há duas perspectivas principais de anáfora associativa: uma ampla/larga, conhecida também como cognitivo-discursiva, e outra estreita/ standard, a léxico-estereotípica. De acordo com o teórico:

Signalons simplement tout de suite que, là encore, sur le statut de la relation, deux thèse opposées sont disponibles: d’aucuns prônent une approche cognitivo-discursive du phénomène, où le discours est capable d’établir l’association (Charolles, 1990 et 1994a), d’autres défendent une approche plus sémantique, qui la relation est de nature léxico-stéréotypique (Isenberg, 1971; Azoulay, 1978; Winkelmann, 1978; Pause, 1988; Kleiber 1992^a, 1993 a et b, et infra, chap. II). (Kleiber; 2001, p. 8)³

1. “Ao longe, percebíamos uma igreja. A torre do sino da igreja estava iluminada, os vitrais brilhavam.” (Kleiber, 2001, p. 1)

2. “O primeiro obstáculo que encontra aquele que decide se ocupar de anáfora associativa, é aquele da extensão do fenômeno. Onde começa e onde para a anáfora associativa?” (Kleiber, 2011, p. 7)

3. Sinalizemos imediatamente que, aqui novamente, sobre o status da relação, duas teses opostas são disponíveis: alguns defendem uma aproximação cognitivo-discursiva do fenômeno, onde o discurso é capaz de estabelecer a associação (Charolles, 1990 e 1994a), outros defendem uma abordagem mais semântica, que a relação é de natureza léxico-estereotípica (Isenberg, 1971; Azoulay, 1978, Winkelmann, 1978; Pause, 1988; Kleiber 1992^a, 1993 a e b, e infra, cap. II). (Kleiber; 2001, p. 8)

Como se pode observar, Kleiber (2001) apresenta duas abordagens de anáfora associativa: a cognitivo-discursiva, em que através do discurso se estabelece a associação, e a de natureza léxico-estereotipada, em que desenvolve uma abordagem mais semântica.

O referido linguista ainda destaca que a concepção ampla é defendida por Erkü e Gundel (1987), Gundel (1996), Gundel, Hedberg e Zacharski (1993), Berrendonner (1994 a e b), Berrendonner e Reichler-Béguelin (1995), Reichler-Béguelin (1998 a e b, 1989 e 1993 a e b, 1994 e 1995), Apothéloz (1995), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999) e Charolles, (1990 e 1994). Já a concepção estreita, também chamada de padrão, é defendida por Kleiber (2001), por ser a mais difundida.

A seguir, a partir de Kleiber (2001), apresentam-se algumas considerações das duas perspectivas de anáfora associativa.

ANÁFORA ASSOCIATIVA: CONCEPÇÃO LARGA (COGNITIVO-DISCURSIVA)

A concepção cognitivo-discursiva de anáfora associativa tem como base duas propriedades, quais sejam:

a) é anafórica: ou seja, seu referente é identificado graças a informações presentes no contexto anterior. (Kleiber, 2001, p. 8)

b) não é correferencial: ou seja, seu referente não foi mencionado no texto anterior. (Kleiber, 2001, p. 8)

A partir dessas propriedades, a anáfora associativa é identificada como anáfora indireta. Nessa perspectiva, Charolles (1991) vai destacar que o discurso, por si só, é capaz de estabelecer a associação, ratificando que na tese cognitivo-discursiva a interpretação da AA é impulsionada pela capacidade dos sujeitos de construir sentidos a partir do discurso. Assim, “[...] Charolles (1994) suggests, within his ‘cognitivo-discursive’ hypothesis, that AA interpretation is driven by the subjects’ ability to construct, from on-line discourse reading, a token representation in a mental space of the anaphoric relation” (Lavigne-Tomps; Dubois, 1999, p. 400)⁴.

Na concepção larga de AA e a partir de Charolles (1990; 1994), é o princípio da coerência discursiva que estabelece a ponte referencial da AA, como se verifica na citação a seguir:

Que l'interprétation soit facilitée par le caractère conventionnel des savoirs mobilisés, cela est indiscutable, mais la caution du fonctionnement associatif ne vient pas du fait que ces connaissances sont en général communément partagées, elle vient [...], de l'attestation par l'usage que manifeste l'énoncé. (Charolles, 1990, p. 123 apud Kleiber, 2001, p. 103)⁵

4. [...] Charolles (1994) sugere, dentro de sua hipótese ‘cognitivo-discursiva’, que a interpretação de AA é impulsionada pela capacidade dos sujeitos de construir, a partir da leitura do discurso on-line, uma representação simbólica em um espaço mental da relação anafórica. (Lavigne-Tomps; Dubois, 1999, p. 400)

5. “Que a interpretação seja facilitada pelo caráter convencional dos saberes mobilizados, isto é indiscutível, mas a caução/garantia do funcionamento associativo não vem do fato que esses conhecimentos são de maneira geral comumente divididos, ela vem [...], da atestação pelo uso que manifesta o enunciado”. (Charolles, 1990, p. 123 apud Kleiber, 2001, p.103)

De acordo com Charolles (1990, 123), a AA é identificada, não por uma relação inferencial, mas sim, por uma relação de coerência. Ainda consoante o referido autor:

L'anaphore associative met donc en œuvre un éventail de relations extrêmement vaste. Toute liaison entre des faits, événements, objets, toute forme de contiguïté référentielle favorise son apparition dans le discours dont elle constitue du reste un procédé essentiel d'amplification. La cohésion de cette amplification est plus ou moins garantie par l'existence, dans nos représentations, d'associations stéréotypées, dont certaines sont d'ailleurs enregistrées dans le lexique. Mais le discours génère aussi [...], son propre cadre associatif en promouvant des relations inédites, conjoncturelles, qui peuvent n'avoir qu'une validité occasionnelle, mais dont la *reconnaissance* s'impose au récepteur du fait de la présomption de cohérence qui préside à son interprétation. (Charolles, 1990, p. 132-133 apud Kleiber, 2001, p. 109-110)⁶

Nessa perspectiva, a AA cognitivo-discursiva não se priva a uma relação semântica convencional entre o referente do antecedente e o da expressão anafórica, ela, antes de tudo, mobiliza uma gama extremamente vasta de relações, quer seja por conexão entre fatos, acontecimentos, objetos, quer seja por qualquer forma de aproximação referencial, que favorecerá seu aparecimento no discurso, como se verifica a seguir:

(2) Jean a été assassiné hier. Le couteau a été retrouvé à proximité. (Kleiber, 2001, p. 106)⁷

Corroborando com essa visão, no exemplo (9), é possível observar que a relação existente entre o antecedente e a anáfora não é convencional. Neste caso, “a faca” é o elemento anafórico associativo, que mobiliza a inferência através do termo que o antecede “assassinato”. É preciso salientar que, nessa concepção de AA, é necessário mover uma sequência de informações estabelecidas pelo discurso para permitir a relação e interpretação dessa anáfora.

A AA na concepção larga, além das relações estereotípicas e discursivas, aceita também qualquer pronome anafórico indireto e qualquer demonstrativo anafórico indireto.

6. A anáfora associativa põe em função um leque de relações extremamente vastas. Toda ligação entre fatos, eventos, objetos, toda forma de contiguidade referencial favorita sua aparição no discurso que ela constitui do resto um processo essencial de amplificação. A coesão desta amplificação está mais ou menos garantida pela existência, dentro de nossas representações, de associações estereotipadas, que algumas estão por sinal registradas no léxico. Mas o discurso gera também [...], seu próprio quadro associativo promovendo relações inéditas, cíclicas, que só podem ter uma validade ocasional, mas que o reconhecimento se impõe ao receptor por conta da presunção de coerência que preside na sua interpretação. (Charolles, 1990, p. 132-133 apud Kleiber, 2001, p. 109-110)

7. John foi assassinado ontem. A faca foi encontrada próxima. (Kleiber, 2001, p. 106)

ANÁFORA ASSOCIATIVA: CONCEPÇÃO ESTREITA (LÉXICO-ESTEREOTÍPICA)

A concepção estreita (léxico-estereotípica ou *standard*), defendida por Kleiber (2001), baseia-se em uma definição que, além da relação de anáfora indireta, traz outros critérios para definir a anáfora associativa. A perspectiva léxico-estereotipada se fundamenta em uma relação, *a priori*, que faz parte do suposto conhecimento compartilhado sobre as coisas, de conhecimentos enciclopédicos, de relações estereotipadas, de *frames* ou *scripts*, como se verifica nas palavras de Kleiber (2001):

Les analyses classiques optent pour la première solution: l'anaphore associative s'appuie sur une relation *a priori*, qui fait partie de notre savoir présumé partagé sur les choses. Les appellations varient: qu'on parle de *lien intrinsèque* (Azoulay, 1978), de relation *implicite* (Isenberg, 1971), de *Mitgegebensein* (Winkelmann, 1978), de relation de *Zugehörigkeit* (Pause, 1988), ou, plus couramment, de topos encyclopédique, de relations stéréotypiques et de cadre ou scripts (scénarios), il y a un dénominateur commun: celui de voir dans le lien en question un lien conventionnel, une connaissance générique qui lie de façon nécessaire ou le plus souvent seulement stéréotypique les objets en présence. (Kleiber, 2001, p. 92-93)⁸

A relação associativa estreita se estabelece com base no já conhecido, naquilo que faz parte das características do referente mencionado previamente. Essa relação é estabelecida através do campo semântico das palavras. Vale ressaltar também que, a partir do referente, ligam-se expressões que se constituem em relações como todo-parte, trabalho/agente, ou ainda, objeto/substância. A ligação entre os dois elementos é pré-inscrita no léxico sob a forma de um traço necessário ou estereotípico, operando no modo do conhecido.

Para sintetizar a AA na concepção estreita, vejamos o exemplo a seguir:

(3) Les policiers inspectèrent la voiture. Les roues étaient pleines de boue. (Kleiber, 2001, p. 9)⁹

No exemplo (3), “les roues”, AA de “la voiture”, há uma relação intrínseca entre o elemento antecedente e a anáfora, pois é sabido que todo carro possui rodas, pondo em foco a relação parte-todo. O referido linguista, ao analisar esses termos que estabelecem associações, vai colocar em evidência que a relação é eminentemente do tipo léxico-estereotípica, ou seja, pré-estabelecida entre dois lexemas. A relação é representada por um anafórico associativo constituído por um SN-definido, que no exemplo é “as rodas”.

A seguir, falaremos sobre a definitude do termo anafórico.

8. As análises clássicas optam pela primeira solução: a anáfora associativa se apoia sobre uma relação *a priori*, que faz parte de nosso saber presumido dividido entre as coisas. As denominações variam: falamos de ligação indissociável (Azoulay, 1978), de relação implícita (Isenberg, 1971), de *Mitgegebensein* (Winkelmann, 1978), de relação de *Zugehörigkeit* (Pause, 1988), ou mais comumente, de topos enciclopédicos, de relações estereotipadas e de quadro ou script (cenários), existe um denominador comum: aquele de ver dentro da ligação em questão uma ligação convencional, um conhecimento genérico que liga de jeito necessário ou na maioria das vezes somente estereotipado os objetos em presença. (Kleiber, 2001, p. 92-93)

9. Os policiais inspecionaram o carro. As rodas estavam repletas de lama. (Kleiber, 2001, p. 9)

DEFINITUDE: SN DEFINIDO E SN INDEFINIDO NAS ANÁFORAS ASSOCIATIVAS

Kleiber (2001), ao dissertar sobre a AA, declara que o artigo definido deve acompanhar a anáfora. Tal afirmação se pauta na definitude que atribui à AA um certo grau de acessibilidade, visto que é uma característica que a distingue dos demais termos, pois o artigo definido, comumente, determina um SN, particularizando-o, buscando, assim, ser um termo já conhecido.

Kleiber compartilha, assim, da ideia de que o SN indefinido faz referência a algo conhecido, mas não podendo, por isso, ser considerado anafórico associativo:

La contrainte sur le caractère *connu* du référent nouveau introduit a pour effet d'exclure les expressions avec déterminant indéfini, puisqu'on reconnaît généralement aux SN indéfinis la vertu d'introduire un nouveau référent non connu de l'interlocuteur, c'est-à-dire qui ne soit pas accessible à l'interlocuteur autrement que par les informations contenues dans le SN indéfini. Un SN indéfini, c'est une chose bien connue, n'est généralement pas considéré comme pouvant être anaphorique. (Kleiber, 2001, p.15)¹⁰

Consoante destaca Kleiber (2001), na citação acima, os indefinidos parecem excluídos do processo associativo, pois eles não delimitam o elemento exato que está sendo referido. O linguista cita como exemplo:

(4) Les policiers inspectèrent la voiture. Une roue était pleine de boue. (Kleiber, 2001, p. 16)¹¹

Conforme o referido autor, “uma roda” não pode ser classificada como AA, por apresentar imprecisão, visto que para ele, a AA precisa apresentar o caráter da precisão. Todavia, discorda-se desse posicionamento de Kleiber (2001), pois, embora não se tenha a definitude do anafórico, é possível estabelecer uma relação anafórica associativa, pois o caráter anafórico não é comprometido, haja vista, o núcleo desse SN indefinido (uma roda -> núcleo: roda) está associado ao SN “o carro”, com base, sobretudo, nos conhecimentos de mundo.

TIPOS DE ANÁFORAS ASSOCIATIVAS

Ao tecer considerações sobre as Anáforas Associativas léxico-estereotípicas, Kleiber (2001) mostrar que há pelo menos quatro tipos bem caracterizados de AA, aos quais o referido linguista chama de: meronímicas, locativas, actanciais e funcionais. Apresentam-se, de forma breve, cada uma delas:

10. A restrição sobre o caráter conhecido do referente novo introduzido tem por efeito de excluir as expressões com determinante indefinido, porque reconhecemos geralmente aos SN indefinidos a virtude de introduzir um novo referente não conhecido do interlocutor, isto quer dizer que não seja acessível ao interlocutor de outra maneira que pelas informações contidas dentro do SN indefinido. Um SN indefinido, é uma coisa bem conhecida, não é geralmente considerada como podendo ser anafórica. (Kleiber, 2001, p.15)

11. Os policiais inspecionaram o carro. Uma roda estava repleta de lama. (Kleiber, 2001, p. 16)

ANÁFORAS ASSOCIATIVAS MERONÍMICAS

Segundo Kleiber (2001, p. 268), a característica das AA meronímicas reside no estatuto semântico, visto que o anafórico é considerado pela marca semântica: parte-de. Consoante o linguista, tem-se uma AA que coloca em confronto tipos de entidades unidas por uma relação particular de dependência ontológica. Essa relação mantém o status de parte de um todo, conforme Kleiber (2001)

[...] le type d'entités de l'expression anaphorique [...] apparaît comme étant ontologiquement subordonné au type d'entités de l'expression antécédent [...] en ce que ses occurrences n'existent que comme composantes ou parties des occurrences de l'entité antécédent. La suppression de l'occurrence du tout antécédent entraîne également la suppression des occurrences des parties [...]. Les occurrences des parties peuvent, certes, être aliénées [...] mais même dans ce cas elles gardent leur statut de parties d'un tout [...]. (Kleiber, 2001, p. 267-268)¹²

Nota-se, a partir da citação, uma relação de subordinação, visto que as partes só terão sentido se existir o todo. Nessa relação, o referente do SNa é concebido como uma parte do referente do SNb, o qual é entendido como um todo. Para ilustrar a AA meronímica, vejamos o exemplo:

(5) “Paul aime sa voiture, parce que les sièges sont confortables, le tableau de bord comporte tous les accessoires possibles, le capot est aérodynamique et les roues sont en alu”¹³ (Kleiber, 2001, p. 267)

Os termos anafóricos — “le tableau”, “le capot”, “les roues” — estabelecem o traço definatório das anáforas associativas meronímicas, qual seja: são marcados semanticamente como — parte de — “voiture”.

ANÁFORAS ASSOCIATIVAS LOCATIVAS

(6) Nous sommes entrés dans un village. L'église était située sur une hauteur. (Kleiber, 2001, p. 296)¹⁴

O exemplo (13) é classificado por Kleiber (2001, p. 296) como uma AA locativa. O referido autor declara que as locativas tratam de associações de lugar, enfatizando que o caráter de lugar é visto de forma ampla, abrangendo qualquer espaço material ou abstrato. Conforme o linguista, “La notion de lieu n'est donc pas à prendre uniquement dans son sens basique d'espace tridimensionnel, mais recouvre finalement tout espace (matériel

12. [...] o tipo de entidade da expressão anafórica [...] parece ser ontologicamente subordinado ao tipo de entidade da expressão antecedente [...] em que suas ocorrências só existem como componentes ou partes de ocorrências do antecedente entidade. Excluir a ocorrência do todo antecedente também resulta na exclusão das ocorrências das partes [...]. As ocorrências das partes podem, é claro, ser alienadas [...] mas mesmo neste caso elas mantêm seu status como partes de um todo [...]. (Kleiber, 2001, p. 267-268)

13. “Paul gosta de seu carro porque os bancos são confortáveis, o painel tem todos os acessórios possíveis, o capô é aerodinâmico e as rodas são de alumínio” (Kleiber, 2001, p. 267)

14. Entramos em uma aldeia. A igreja estava localizada em uma altura. (Kleiber, 2001, p. 296)

ou abstrait) dans lequel un individu, donc une entité autonome, se trouve localisé”¹⁵ (Kleiber, 2001, p. 296). Nas relações de AA locativa, o lugar ou o espaço de uma entidade antecedente exige precisões, pressupondo que a natureza do lugar Y é determinada pela natureza da entidade X. Assim, “L’église” é anáfora associativa de “un village”.

Ao apresentar essa informação, Kleiber (2001, p. 300) destaca que não se pode confundir as anáforas locativas com as meronímicas, visto que, na última, a associação é estabelecida através da relação parte-todo. Já as locativas estão voltadas para a localização de alguma coisa em um determinado lugar, assim “un village” é um lugar onde se encontra “L’église”.

ANÁFORAS ASSOCIATIVAS ACTANCIAIS

A AA actancial se situa no tipo de relação que se estabelece entre o antecedente, que é um predicador, e o termo anafórico, que corresponde a algum argumento do predicador. Nas palavras de Kleiber (2001):

Cette première approche des actancielles permet de les définir comme des expressions dont le référent correspond à un des arguments ou actants d’un prédicat déjà introduit dans le texte et dont la définitude provient précisément de ce rapport actancial. Autrement dit, ils ne sont en sommes « connus » ou si l’on veut « définis » que par leur intervention dans le schème prédicatif. (Kleiber, 2001, p. 320)¹⁶

Pode-se deprender que, diferente das AA meronímicas e locativas, o antecedente da AA actancial é formado por um sintagma verbal (SV) ou por um SN predicativo. Tem-se uma AA que se constitui na relação que se estabelece entre o núcleo do predicado (o verbo) e os elementos que completam a ação, que pode ser, nesse caso, o agente de tal ação. A título de ilustração, tem-se o exemplo a seguir:

(7) Paul se coupa du pain et posa le couteau.¹⁷ (Corblin, 1987 apud Kleiber, 2001, p. 317)

No exemplo, “le couteau” é o instrumento para “coupa du pain”. O termo anafórico — “le couteau” constrói um referente novo introduzido por meio de uma expressão definida que tem como antecedente o predicador “coupa”, estabelecendo o processamento anafórico actancial, que coloca em jogo a relação predicado-argumento ou actante.

15. “A noção de lugar não deve, portanto, ser tomada apenas em seu sentido básico de espaço tridimensional, mas abrange, em última análise, qualquer espaço (material ou abstrato) no qual um indivíduo, portanto uma entidade autônoma, está localizado.” (Kleiber, 2001, p. 296)

16. Essa primeira abordagem dos actanciais permite defini-los como expressões cujo referente corresponde a um dos argumentos ou actantes de um predicado já introduzido no texto e cuja definição advém justamente dessa relação actancial. Em outras palavras, eles são “conhecidos” ou, se preferir, “definidos” apenas por sua intervenção no esquema predicativo. (Kleiber, 2001, p. 320)

17. “Paulo cortou um pouco de pão e largou a faca.” (Corblin, 1987 apud Kleiber, 2001, p. 317)

ANÁFORAS ASSOCIATIVAS FUNCIONAIS

A AA funcional responde à estrutura predicativa de dois argumentos. É estabelecida através da relação ação-espaco e função. Temos o seguinte exemplo:

(8) “Nous entrâmes dans un village et demandâmes à voir le maire”¹⁸ (Kleiber, 2001, p. 344)

Trata-se de uma relação em que pode configurar um sintagma binominal, através da seguinte forma: Ni e Nj, onde o Ni corresponde ao SN2 anafórico (le maire) e Nj ao SN1 antecedente (un village). Assim, a AA funcional diz respeito ao Ni-anafórico que é um N-relacional, referencialmente não-autônomo, pois o SN2 vai exercer uma função ou um papel em relação ao referente de SN1 “le maire du village”. Assim, de acordo com Kleiber (2001, p. 347) “le contenu sémantique indique qu’il s’agit d’un élément qui remplit une fonction ou un rôle caractéristique dans un ensemble.”¹⁹

CONCLUSÃO

Kleiber (2001) finaliza a tipologia das anáforas associativas informando que os tipos de anáforas não se limitam aos tipos por ele apresentados. O linguista ainda reitera sua posição de dar destaque ao nível semântico do processo anafórico, como se pode constatar nas palavras do referido teórico:

La dimension cognitive n’est pas seule en cause dans le fonctionnement des anaphores: le poids lexical exerce une plus grande influence qu’il n’y paraît et explique bon nombre de données auxquelles on ne peut rendre justice autrement. Inversement, on voit également quel profit le lexicologue peut tirer des données anaphoriques. Pour la sémantique des noms tout particulièrement, on a tout intérêt à saisir les « cornes du taureau de l’anaphore » ... et à ne pas les lâcher.²⁰(Kleiber, 2001, p. 366-367)

Kleiber (2001) sugere quatro tipos de AA, caracterizadas pelo critério léxico-estereotípico: meronímicas, actanciais, funcionais e locativas. Analisando a proposta do linguista ora mencionado, pode-se inferir que as meronímicas e as actanciais são semanticamente fundamentadas, no entanto, as locativas e as funcionais apresentam uma relação mais discursiva e contextual. Tal reflexão se embasa na percepção de que, ao tecer considerações sobre as AA locativas, o teórico a aproxima da AA cognitivo-discursiva, visto que as locativas podem exigir, também, conhecimento de mundo, inferencial e partilhado para estabelecer sentido e gerar sua interpretação.

18. “Entramos em uma vila e pedimos para falar com o prefeito.” (Kleiber, 2001, p. 344)

19. “o conteúdo semântico indica que é um elemento que cumpre uma função ou papel característico em um conjunto”

20. A dimensão cognitiva não é a única envolvida no funcionamento da anáfora: o peso lexical tem uma influência maior do que parece e explica muitos dados que de outra forma não podem ser feitos. Por outro lado, também podemos ver como os lexicólogos podem se beneficiar dos dados anafóricos. Para a semântica dos substantivos em particular, é do nosso interesse agarrar os “chifres de touro da anáfora” ... e não soltá-los (KLEIBER, 2001, p. 366-367).

Retomando o exemplo (6), “Nous sommes entrés dans un village. L’église était située sur une hauteur” (Kleiber, 2001, p. 296), só é possível compreender que em uma vila tem igreja a partir de conhecimento de mundo e inferencial, e não através de uma relação léxico-estereotípica, e só depois de acionar esses conhecimentos é que se pode compreender a localização da igreja dentro dessa vila.

Diante desse contexto, para que a anáfora associativa se estabeleça, é necessário que os conhecimentos inferenciais, de mundo, contextuais, entre outros sejam acionados. Assim, a anáfora associativa é um tipo de relação indireta efetivada contextualmente, a partir de conhecimentos cognitivos.

REFERÊNCIAS

CHAROLLES, M. Coherence as a principle of interpretability of discourse. Text 3 (1). In: CHAROLLES, M; PETTŐFI, J. & SÖZER, E. (ed.). *Research in text connexity and text coherence*. Hamburgo: Survey, 1983.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos: uma abordagem das práticas pedagógicas. In: GALVES, C. (Org.). *O texto: leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1988.

HEINE, L. M. B. Da referenciação à referenciação semiotizada: uma abordagem bakhtiniana. In: ALMEIDA, P. V; VIEIRA, M. S. P. (org.). *Por palavras e gestos [livro eletrônico]: a arte da linguagem vol IV*, Curitiba, PR: Artemis, 2021.

HEINE, L. M. B; ROMA, E. C; SOARES, M. C. S. S. Considerações sobre a história da linguística na antiguidade clássica. In: *Revista Inventário*. Revista dos Estudantes de Pós-Graduação – UFBA. n. 26, Salvador, dez. 2020.

HEINE, L. M. B. Por que uma nova fase da Linguística Textual?. In: *Letras em Revista*, v. 8, p. 346-360, 2017. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/>>.

HEINE, L. M. B. A Perspectiva Bakhtiniana da Linguística Textual: os elementos verbais e não verbais no processo de referenciação. In: *Anais do III Seminário Internacional de Estudos Sobre Discurso e Argumentação (III SEDIAR)* / Organização: Eduardo Lopes Piris, Isabel Cristina Michelin de Azevedo, Geralda de Oliveira Santos Lima. Ilhéus: Editus- Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2016. Disponível em: <<http://octeventos.com/site/sediar/anais.php>>.

HEINE, L. M. B. A fase bakhtiniana da Linguística Textual. In: HEINE, L; NERY, M; NEIVA, N; CRISTO, A; CRUSOÉ, M. (org.). *Sujeito e discurso: diferentes perspectivas teóricas*. Salvador: EDUFBA, 2015.

KLEIBER, G. Anaphore associative, antecedent et définitude. In Scnedecker, C. et al. (eds). *L’anaphore associative (Aspects linguistiques, psycholinguistiques et automatiques)*. Paris: Klincksieck, 1994.

KLEIBER, G. *L’anaphore associative*. Paris. Presses Universitaires de France, 2001